

LITERATURA CAVILOSA E PROBLEMA ÉTICO

DJACIR MENEZES

1. "Interiorização" dos problemas

Já se incorporou ao patrimônio das frases sovasdas do acacianismo ilustrado a afirmação de que o progresso técnico avançou vertiginosamente e deixou distante o aperfeiçoamento moral do homem. Não faltaram moralistas severos que, enrugados de apreensões, arregalassem o ôlho sôbre a distância entre o comportamento técnico e o comportamento ético, entre a máquina e o decálogo — e vaticinassem males catastróficos. Como são profetas modernos — condimentam as profecias no léxico científico, com predições e admunições escoradas nas ciências históricas e sociais, prestigiadas pelos autores mais roçagantes do mundo — Scheller, Hartmann, Spengler, Heidegger *et reliqua*.

Essa defassagem ou *gap* entre a técnica e a moral serve de explicação para todos os desassossegos : o desajustamento é a *fons malorum* de onde espirraram as infelicidades humanas. Sôbre o tema floresce copiosa literatura, tristonha e moralizante. Por vêzes, é um *vade retro* ao progresso material: a máquina é o novo satanaz que trouxe a maldição. No fundo dessa espécie de revolta ludista está uma nostalgia de regressão à era pre-industrial — um sebastianismo social que se manifesta nas elites de certo tipo, recheiadas de erudição que é uma ignorância barrôca.

Sim, meus amigos : a erudição é o barroquismo da ignorância — uma ignorância que se enfeitou e complicou, que não serve à vida real porque não está em conexão com as realidades humanas no processo histórico das sociedades. Erudição ledora e sôfrega, que produz literatura empenachada de citações como certas senhoras usam plumas nos chapéus — *pour épater*. Tais eruditos carecem de ruminação digestiva que transforma a erudição em cultura, inserindo o saber na faina das atividades sociais. Privado dessa conexão vital, priva-se de perspectiva:

e aquela dissimetria entre moral e técnica assume proporções inauditas. Como conjurar o perigo ?

Vem a terapêutica.

Dois caminhos. O primeiro é parar a investigação científica, que alenta e impele o progresso técnico. Para que estudar a energia nuclear ? Para que conhecer a reação em cadeia ? Só aumenta o poder destrutivo. O homem não pode dominar as forças desencadeadas. E balbucia-se, alarmado, a fábula do feiticeiro que soltou mágicamente forças demoníacas — e não soube mais recolhê-las.

A outra via é buscar o tratamento moral do homem. Não posso mencionar tal alternativa sem lembrar a resposta de Flaubert, quando lhe perguntaram, certa ocasião, que fama desejaria ter.

— *Celle du démoralisateur !* — retrucou o romancista, que tinha um horror instintivo da hipocrisia encolhida sob as conveniências sociais, nessa literatura de cavilação que fosforeja em torno do problema ético.

Esclareço para que nos entendamos.

Essa segunda solução afirma que estamos em face de um problema moral, e Deus me livre de negá-lo. Discordo apenas do modo por que são retiradas as consequências. Porque, ao acentuarem o mundo moral da questão, pretendem *interiorizá-lo*, *despolitizá-lo*.

São duas soluções parciais, mas ambas se põem desligadas e desconexas, mutilando-as. De um lado, uma se propõe, com tranqüila estupidez, coartar a Ciência, reprimir o surto estudioso, tornar a classe científica uma casta egípcia de sacerdotes de um saber misterioso, monopólio sagrado, com segredos e ritos de iniciação; e doutro lado, alvitram a reeducação da consciência, a pedagogia que vê o indivíduo e não vê os quadros sociais, onde aqueles problemas abrolham.

Transferindo para a ordem subjetiva e individualizando a solução, subtrai-se o problema do campo político e social e frustra-se qualquer ação nêsse campo, eliminando-se a perspectiva histórica que dá o contôrno racional do problema e permite encaminhar-lhe a solução pelos métodos científicos. Destarte, abandona-se o terreno da pedagogia social, onde os governos podem agir pelos métodos de direito público — para circunscrever a ação ao campo religioso e ético. O desequilíbrio das forças econômicas estranhas ao mundo da consciência, que é o caldo da cultura mais perniciosa, queda no silêncio, quase sem responsabilidade na produção dos males, a caminho da absolvição.

2. *Angústia e desintegração de elites*

O privatismo de um problema público, que nasce das condições sociais, é, pois, deformação pseudo-científica de uma das mais sérias questões da atualidade. Diga-se a verdade: a translação para o terreno exclusivo da consciência moral exprime a estratégia do nambu, que some a cabeça sob a asa, na hora do perigo — e sossega. Mas a história é implacável para os que não são nambús, — e o problema adiado pode tornar-se fatal.

Relembro o velho Comte quando dizia, já marginando a questão, que a desintegração dos vínculos sociais, na anarquia moral do ocidente, era a causa da exacerbação subjetiva... A exarcebação de seu tempo acabou se tornando uma elefantíase filosófica: a mente de muitos filósofos é como um espelho monstruosamente convexo, dando imagens portinarescas do mundo. As mais audazes correntes do pensamento especulativo estonteiam-se em pleno delírio subjetivista, nesses infundáveis "ismos" cacarejantes e virulentos. Para muitos, o mundo exterior desapareceu de sua análise — e as introjeções dele, no mundo interior, fantasmagorizadas, é que se tornaram o pábulo predileto, nas aventuras noturnas e tortuosas pelos meandros da Consciência, uma Consciência desprendida da História, que desequilibrou a vida interior. O desnorteio especulativo é o síndrome da desagregação dos laços de solidariedade moral: antepõe-se a palavra à idéia, o valor fonético ao valor lógico, o afetivo ao racional, o livro à realidade, a erudição ao saber, o subjetivo ao objetivo. *Vere alta verba non faciunt sanctum et iustum.* Rompeu-se o equilíbrio dinâmico entre os dois termos. Estranhas entre si, teoria e prática impulsionam o pensamento a tôdas as aventuras.

Então, desacredita-se o racional. Criam-se novas categorias filosóficas, onde a angústia é um método de conhecimento e a intuição afetiva pretende apagar a própria luminescência da Razão.

3. *Romantismo e ordem social*

Que diferença, meus senhores, daquele robusto subjetivismo de Rousseau, que renovou o espírito de indagação filosófica e científica! Romantizando a Natureza, êle valorizou a espontaneidade interior contra uma cultura que sufocava o repertório das tendências nativas do espírito.

O vigor da *humanitas* desbordava o leito da *civitas*... Na pena de Rousseau o fenômeno se traduzia por uma nova *interpretatio naturae*, que se formulou com a antinomia do *état civil* e do *état naturel*. Não estaria ali uma das primeiras formas da antítese entre o espontâneo e o artificial, o que é *natureza* e o que é *cultura*, dos modernos antropologistas? De qualquer modo, seria fútil querer discriminar dois planos divorciados, dualismo que está implícito no pensamento dos que fazem metafísica sobre o tema. Só a reciprocidade de ação entre as duas ordens de fenômenos torna possível a explicação científica.

Os escritores do século XVIII cogitaram da ordem social como um prolongamento da ordem natural. E como a organização dominante não atendia aos dessassossêgos sociais — arquivetaram outra mais consentânea com as exigências. Colocaram-se contra a ordem existente, que reclamava, para sua conservação, maior *quantum* despótico. Então, começaram a apologia utópica da lei natural e a maldição da lei política. Vê-se, portanto, como a atividade intelectual não pode ser compreendida sem ligá-la a certo núcleo de ação política, que define o estilo de pensamento da época.

Poderia colher citações, mas preferi continuar raciocinando à margem do pensamento de Rousseau. Para êle, em que pese ao romantismo subjetivista que exprimiu, o natural é sinônimo de racional. Seu subjetivismo embebe-se na mística da Natureza, e agiganta-se como Anteo tocando a Terra. Seu anti-intelectualismo não tem qualquer parentesco com o moderno anti-intelectualismo.

4. *Natureza e liberdade para Rousseau*

Assistimos atualmente, sob formas as mais capciosas, um ataque a funda da própria dignidade da Razão. Os que se acudiram a defendê-la contra a onda materialista eram também seus inimigos subreptícios. Sob bombardeio do adversário, promoveram a sabotagem. Em muitos arraiais, canonizaram o Instinto, deram o primado à Afetividade, valorizaram a obscuridade do Anímico, das instituições pre-lógicas das fôrças divinatórias, já em vagas simpatias pelo bruxo, com vagos receios de feitiçaria redimida. Tudo que rebaixasse a claridade do lógico encontrava ressonância na propaganda dos novos taumaturgos da filosofia invasora da sociologia, como estudei no livro *As Elites Agressivas*. Desvelaram-se pelo que é arcaico, na filogenia do espírito humano e falaram, babados de emoção, na grande revolução. E que revolução! Seria lição

de Rousseau ? Não seria ainda sua herança subjetivista ?
Distingò.

O subjetivismo históricamente saudável de Rousseau não se prende, genealògicamente, no subjetivismo nevrosado de Sastre.

Outrora não havia êsse secreto tropismo de desacreditar a Ciência, os seus métodos, os seus resultados. Agora, para isso, não se hesita em prosseguir um trabalho sutil e solerte. Nada escapa. Saqueiam até o passado. Quem não conhece a distorção do racionalismo tomista, tão robustamente cheio do viço do seu século, para ajeitá-lo às pretensões de uma metafísica *ratée*, aflita e gemebunda, cuja pupila se avesou às meias-tintas do equivoco e pisca, apavorada, para sombras incertas ? Sem conseguir entender se o que tinge o horizonte é um crepúsculo ou uma aurora ? Rousseau *veut toujours le gran air: s'il devient le prophete de la Nature, c'est que avant tout la Nature était pour lui liberté* — escreve Höffding. Não advoga sujeições, quaisquer que sejam. A intolerância do ateísmo enfurece-o tanto quanto a do fanatismo: “*quant aux incedules intolerants, qui voudraient forcer le peuple à ne rien croire, je ne les ban- niraís moins séverement que ceux qui les veulent forcer à croire...*”

Anos depois, seu executor testamentário, Robespierre, de barrete frigío à cabeça, oficiando ao Sêr Supremo, cuja existência decretara, só encontraria um meio adequado para realizar o evangelho pregado : degolando os recalcitrantes, numa fraternidade um tanto exagerada...